

**O time como comunidade luminosa:
*A turma da Rua Quinze e Aventura no Império do Sol***

The Team as a Bright Community:
A turma da Rua Quinze and Aventura no Império do Sol

Tânia Sarmento-Pantoja

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém/Brasil
Doutora em Estudos Literários, UNESP
nicama@ufpa.br

Resumo: Este artigo analisa *A turma da Rua Quinze* (1989), de Marçal Aquino, e *Aventura no Império do Sol* (1989), de Silvia Cintra Franco, romances originariamente publicados pela Coleção Vaga-Lume. Em ambos observamos que o jogo – representado pelo futebol e o voleibol – está incorporado ao cotidiano e mesmo ao patrimônio cultural dos personagens, como “elemento estruturante”, segundo Elcio Cornelsen (2012), de uma educação para vida, que envolve uma ética das relações pessoais e a formação para a sobrevivência, na medida em que mesmo pertencendo a um time, os personagens passam a atuar como uma “comunidade luminosa” de acordo com Annie Figueiredo (2016).

Palavras-chave: Futebol; Cinema; Literatura; Desaparecimento.

Abstract: This article analyzes *A turma da Rua Quinze* (1989), of Marçal Aquino, and *Aventura no Império do Sol* (1989), of Silvia Cintra Franco, novels originally published by Vaga-Lume Collection. In both, we observe that the game – represented by football and volleyball – is incorporated into everyday life and even to the cultural patrimony of the characters, as a structural element, according to Elcio Cornelsen (2012), of an education for life that involves an ethics of personal relationships and the formation for survival, in that even though they belong to a team, the characters begin to act as a “luminous community” as stated by Annie Figueiredo (2016).

Keywords: Football; Movie theater; Literature; Disappearance.

INTRODUÇÃO

Tzvi Tal afirma que a infância e a adolescência podem surgir em narrativas cinematográficas como alegorias dos mais variados processos relacionados à identidade nacional, por conta da produção e reprodução do passado por parte de identidades coletivas que utilizam como “materia prima las imágenes que grupos humanos inventan, conservan, renuevan y difunden”,¹ pois através de textos, como os cinematográficos, “versiones imaginarias del pasado deben ser comprendidos como documentos estéticos que testimonian los discursos del presente en que son producidos”.² Destaco ainda o protagonismo da criança ou do adolescente e também a possibilidade de partilha entre infância e jogo como importantes elos temáticos em narrativas produzidas no século XX e XXI, em vários campos artísticos, com essa forma específica de protagonismo. Sem perder de vista a contribuição de Tal, analiso as narrativas *A turma da Rua Quinze* (1989),³ de Marçal Aquino, e *Aventura no Império do Sol* (1989),⁴ de Silvia Cintra Franco.

Tanto em *A turma da Rua Quinze* quanto em *Aventura no Império do Sol* estão presentes as duas características destacadas acima: o protagonismo da criança ou adolescente e a presença do jogo. No livro de Marçal Aquino, um grupo de adolescentes investiga o desaparecimento do irmão mais velho de um membro do grupo e se vê envolvido em situações de mistério e perigo iminentes. No livro de Silvia Cintra Franco, um time de voleibol feminino, formado por garotas adolescentes, desloca-se para o Peru a fim de participar de um campeonato internacional, que elas precisam vencer para garantir a sobrevivência financeira do time. Porém, uma vez em terra estrangeira, torna-se urgente transpor outro obstáculo: lidar com o misterioso desaparecimento de uma das principais jogadoras e, da mesma forma que no livro de Aquino, também precisam investigar por conta própria o que teria acontecido à companheira.

Desse modo, um dos principais elementos aproximativos entre os dois livros é o uso potencial do jogo enquanto modalidade esportiva – futebol e voleibol

¹ TAL. Alegorias de memoria y olvido en películas de iniciación, p. 136

² TAL. Alegorias de memoria y olvido en películas de iniciación, p. 139.

³ AQUINO. *A turma da Rua Quinze*, 1995 (Coleção Vaga-Lume).

⁴ FRANCO. *Aventura no Império do Sol*, 1989 (Coleção Vaga-Lume).

– como elo entre os jovens. Para além dessa condição, há outro aspecto, com igual intensidade: a precipitação na experiência envolvendo sequestro e desaparecimento, que evolui para a apreensão de um conjunto de saberes, necessários para a entrada na idade adulta. Nesse ponto, vale ressaltar que ambas as narrativas foram originariamente publicadas no âmbito da Série Vaga-Lume, inteiramente voltadas para o público infantojuvenil, com um projeto editorial polêmico para uma parte da crítica especializada, ora por apresentar narrativas com estruturas redundantes e elementos estereotipados, ora por trazer ao público infantojuvenil expressões de violência, consideradas explícitas e intensas demais para o público-alvo.⁵

De fato, no conjunto de seus 92 títulos, até aqui publicados pela Editora Ática, desde 1973, há uma grande variedade de temas vinculados a alguma forma de violência, como roubo, perseguição, tortura, morte, sequestro, desaparecimento, exílio, discriminações etc., violências que, sem dúvida, vêm às narrativas favorecidas pela atualidade que estas mantêm com certas realidades proeminentes, em que indivíduos muito jovens certamente não são poupados de situações semelhantes às aquelas narradas nos livros de aventura, dessa forma assumo posição correlata aos argumentos levantados por Tzvi Tal acerca das relações entre memória e silenciamento envolvendo atrocidades cometidas no âmbito da historiografia e suas repercussões para o cinema – ou para qualquer outro campo que lide com representações, como é o caso dos textos literários aqui tratados. Ainda nesse contexto, destaco que referências historiográficas às desaparecimentos políticos estão presentes em ambas as narrativas, na mesma medida que o jogo enquanto modalidade esportiva.

A relação com o jogo é o principal aspecto a ser tratado neste estudo, pois é possível observar nelas o jogo incorporado ao cotidiano e mesmo ao patrimônio cultural dos personagens, como elemento estruturante de uma espécie de educação para a vida, conforme pontua Elcio Cornelsen ao analisar o filme *O ano em que meus pais saíram de férias*.⁶ Esse estatuto formador do jogo envolve ora uma ética das relações pessoais, ora a formação para a sobrevivência, com destaque para a experiência gregária baseada na valorização das ideias de

⁵ Ver, por exemplo, “A violência no âmbito da Série Vaga-Lume”, de Ana Carolina Silva (1999).

⁶ CORNELSEN. Imagem e memória em torno de futebol e política no cinema, p. 435.

associação, agrupamento e unidade, com vistas ao fortalecimento da resistência, aspectos que ganham relevo ao haver a precipitação dos personagens na experiência violenta. Para compreender esse processo, lanço mão do conceito de “comunidade luminosa”, desenvolvido por Annie Tarsis Figueiredo.⁷

* * *

A turma da Rua Quinze é o primeiro livro do conjunto de produções literárias e cinematográficas em que Marçal Aquino adota a violência como *leitmotiv* fundamental. O recuo temporal até o período que abrange a ditadura civil-militar de 1964 é outro aspecto de destaque em sua produção. Fábio Marques Mendes⁸ argumenta que o material literário desse escritor foi produzido no período de transição entre o fim da ditadura e o período que ficou conhecido como Abertura. Por esse motivo e especialmente por ter agregado a temática da violência, sem perder de vista essas referências históricas:

Marçal Aquino se coloca como parte de um grupo de escritores brasileiros que propõe reorganizar a memória coletiva sobre este período, mas não na tentativa de uma idealização da época, e sim de uma tarefa crítica que ainda está em construção, se perguntando sobre o que foi ocultado do passado e o que se perpetua, sorratamente, na realidade brasileira de nossos dias.⁹

Desse modo, a hipótese levantada por Mendes a respeito do projeto literário de Aquino é a de que:

problematizam as experiências humanas entre os anos precedentes ao fim do regime militar e à busca da (re)abertura democrática, aciona a violência para corroer e, ao mesmo tempo reforçar, os discursos e os mecanismos de controle sociais e literários hegemônicos, mantidos e organizados pelas instituições tradicionais.¹⁰

⁷ FIGUEIREDO. A potência da Comunidade luminosa em *O apocalipse dos trabalhadores*, de Valter Hugo Mãe, 2016.

⁸ MENDES. Os processos identitários no Brasil a partir da subversão do gênero policial: uma análise literária e sociológica do romance *Cabeça a prêmio*, de Marçal Aquino, 2015.

⁹ MENDES. Os processos identitários no Brasil a partir da subversão do gênero policial, p. 171.

¹⁰ MENDES. Os processos identitários no Brasil a partir da subversão do gênero policial.

Essas instituições são Deus, a Natureza e o Estado. *A turma da Rua Quinze*, como primeiro produto desse projeto, questiona as estruturas estatais não somente porque parte do inimigo que os adolescentes precisam enfrentar pertence às fileiras corruptas da polícia, mas, sobretudo, porque sutis referências ao tempo das desapareções por motivos políticos, tão próprias das ditaduras na América Latina, se fazem presentes já nas primeiras linhas da narrativa. É preciso destacar o papel estruturante representado pelo futebol no desenvolvimento do texto. Papel, ressalta-se, coerentemente imbricado ao projeto literário, no sentido de promover a reflexão sobre a possibilidade de uma ética demarcadora do diálogo e não da violência.

De fato, no enredo, é esta modalidade esportiva que funciona como fator de aglutinação entre os jovens personagens. Nesse percurso, podemos compreender a imersão do futebol em *A turma da Rua Quinze* como processo de mimetização e miniaturização de uma ética das relações pessoais, na medida em que é na preparação para o jogo e no decorrer da própria partida que os jovens se veem na condição de enfrentar a presença da adversidade e do adversário – dois aspectos importantes para a entrada no mundo adulto.

Por sua vez, o adversário pode ser tanto o traidor do time durante o decorrer de um campeonato quanto o algoz que os sequestra. E, ainda que o primeiro ímpeto seja o de agir com violência – vendo o adversário não como opositor, mas como inimigo –, o que prevalece é a decisão de enfrentar os problemas com base no diálogo marcado pela ponderação.

A desapareção, fenômeno histórico muito comum nas ditaduras da América Latina, entre as décadas de 60 e 80, é importante categoria temática no enredo de *A turma da Rua Quinze*. Vale ressaltar que, especialmente em função das demarcações temporais que estão logo em seu início, a narrativa estabelece pontos de contato intertextualizantes com dados historiográficos pertencentes ao tempo de sua produção, que é também o tempo da narrativa.

Nesse processo, as apropriações que a narrativa faz na direção desse tema podem ser consideradas em duas chaves de leitura, uma vez não sendo possível desjungi-las desses traços intertextualizantes: primeiro, tanto o enredo, quanto o conflito da narrativa se desenvolvem a partir e com base na ideia de

desaparecimento – Marcão, irmão de Serginho, um dos membros da turma da Rua Quinze, está desaparecido. A desapareição é primeiramente inserida como ação no interior do universo relatado – Marcão desaparece sem deixar vestígios e no processo de busca desencadeada pelos pais e, principalmente, pelos garotos que protagonizam a narrativa, vão surgindo obstáculos que apontam para uma situação de mistério e nesse sentido é bem evidente enquanto tema.

A emergência dessas situações misteriosas está justificada principalmente pelas ações questionáveis dos policiais envolvidos e do surgimento de um estranho e violento personagem que tem como marca uma cicatriz no rosto,¹¹ bem como pelo comportamento esquivo de Marcão, que “não é de comentar com ninguém o que está fazendo”,¹² conforme menciona um dos personagens logo após saber do desaparecimento. Tais condições, em correlação, também fundam referências à desapareição por motivações políticas. Segundo, em função do membro do grupo que está desaparecido ser um adolescente (embora seja o irmão mais velho, portanto mais próximo da condição de adulto do que os outros garotos e garotas) e, especialmente, pelo fato de os meninos serem sequestrados por bandidos e policiais corruptos e ficarem cativos e sob ameaça em um espaço que lembra as “casas da morte”, a narrativa faz referência ao “butim de guerra”, prática de terrorismo de Estado muito comum na Argentina, mas que também teve experiências correlatas no Paraguai e no Uruguai, conforme Enrique Serra Padrós,¹³ para quem os butins de guerra são parte das práticas de desapareição e estão no interior de sofisticadas políticas de repressão dos regimes militares.

* * *

Silvia Cintra Franco não é uma escritora tão conhecida do público leitor quanto Marçal Aquino, mas assim como ele produziu literatura infantojuvenil para a Série Vaga-Lume: trata-se aqui de *Aventura no Império do Sol* (1989). Segundo a breve

¹¹ A presença de um provável perseguidor com uma cicatriz no rosto destaca-se em outras narrativas, relacionadas ao tema da repressão por razões políticas, a exemplo de *Não passarás o Jordão*, de Luiz Fernando Emediato.

¹² AQUINO. *A turma da Rua Quinze*, p. 11.

¹³ PADRÓS. *A guerra contra as crianças*, p. 815-816.

apresentação que consta da abertura do livro, a escritora foi professora de linguística na Universidade de São Paulo, trabalhou na Fundação Carlos Chagas, na área de educação, e atuou no Conselho Estadual da Condição Feminina, oportunidade em que lutou “para que os livros apresentassem a mulher tal como ela é: dinâmica, inteligente, criativa, ou seja, bem diferente daquela imagem preconceituosa e injusta que muitas vezes é mostrada ao público”.¹⁴ A militância em favor de uma política de gênero que sempre envolveu a atuação da escritora em outros campos projeta-se de maneira contundente em *Aventura no Império do Sol*: diferentemente de grande parte dos livros da série, as protagonistas são garotas adolescentes, membros de um time de voleibol, o Baleia Azul.

A narrativa concentra-se nas personagens Cacá e Belinha, duas adolescentes unidas pela amizade e pela paixão pelo voleibol. A narrativa aprofunda-se no interior da estrutura das competições dessa modalidade esportiva. Belinha é determinada e transfere essa qualidade para a relação com o esporte; a jovem reconhece os obstáculos que seu time enfrenta, apesar de patrocinado por uma rede de supermercados – também nomeada Baleia Azul – e manifesta disposição e coragem para encarar as dificuldades: “Belinha deu de ombros e não se dignou a responder. Ela ia encontrar um meio de ajudar a equipe a resolver seus problemas! Sem o vôlei é que ela não ia ficar. Ela ia lutar como uma leoa, com unhas e dentes. O mundo que se cuidasse!”¹⁵ Outras duas jogadoras, também adolescentes, são importantes para o desenvolvimento das ações iniciais da narrativa: a problemática Fátima e a novata Reça. Para tentar resolver os problemas estratégicos do time, Belinha não hesita em convidar Reça para ocupar a posição de levantadora do time, posição antes ocupada por Fátima, porém essa atitude provoca um mal entendido entre o grupo de garotas, pois Fátima sente-se traída pelas companheiras.

A ideia de pertencimento a um time é, nessa narrativa, tão importante quanto no livro de Marçal Aquino. De fato, para Belinha, articular a entrada de Reça no lugar de Fátima não traz implicações éticas, pois para ela “quem não estivesse atuando bem na quadra a ponto de pôr em risco o patrocínio da equipe,

¹⁴ FRANCO. *Aventura no Império do Sol*, p. 5.

¹⁵ FRANCO. *Aventura no Império do Sol*, p. 6.

deveria conformar-se e dar espaço para outra pessoa”.¹⁶ Logo as garotas conversam, acertam as decisões pelo bem do time, ganham o torneio interno e, com isso, uma vaga para participarem de uma competição internacional no Peru. Superadas as divergências com Fátima, desse modo, o conflito inicial não é fundamental para a movimentação e transformação das personagens, passando a concentrar-se em dois aspectos: primeiro, os problemas familiares que afligem a cada uma delas e, nesse sentido, se destacam as questões de gênero, e, segundo, as experiências envolvendo a alteridade e o perigo implicado, que as aguarda na viagem a outro país.

Quanto ao primeiro aspecto, há várias situações que expressam bem atitudes conservadoras e patriarcais que atingem várias garotas do time, logo após anunciarem às respectivas famílias a viagem ao Peru. O pai de Cacá a proíbe de viajar sob a alegação de que ela não poderia dormir fora de casa, sem a família, por ser mulher. O mesmo sucede a outra integrante do time, Marisa, que acaba discutindo com o namorado, por também proibi-la de viajar sozinha. Até mesmo Marilena, a técnica, afirma ter problemas semelhantes com o noivo. Mas, apesar dessas adversidades iniciais, o time vai, completo, ao Peru.

Do mesmo modo que em *A turma da Rua Quinze*, também em *Aventura no Império do Sol* há referências sutis, porém pontuais, relacionadas à história recente envolvendo as ditaduras no Cone Sul, como neste trecho, que evoca um diálogo entre Belinha e sua família, antes de embarcar para Lima:

— Não aceite convite de ninguém que você não conheça, não se perca do grupo, não fique passeando sozinha, viu, minha filha?
— E nem entre para a guerrilha ou para uma quadrilha de traficantes – gozava Raul, divertido com as instruções da mãe.¹⁷

A aprendizagem sobre a disputa e a relação com o adversário também se fazem presentes quando as garotas são obrigadas a enfrentar Machu Pichu, inteira, torcendo contra elas. Contudo, o tema do desaparecimento, associado a sequestro e/ou perseguição, se destaca não só pelo espaço que ocupa no enredo – e

¹⁶ FRANCO. *Aventura no Império do Sol*, p. 10.

¹⁷ FRANCO. *Aventura no Império do Sol*, p. 22.

igualmente pela função que exerce no desenvolvimento estrutural das ações –, mas também por corresponder a uma espécie de constante temática no interior da Série Vaga-Lume, como é possível observar em vários outros títulos da série,¹⁸ em que o desaparecimento, além de tema estruturante e responsável pelo desenvolvimento do conflito, é também uma categoria capaz de estimular a memória e a reflexão sobre aspectos histórico-políticos, como as diversas formas de insegurança ou mesmo a episódios pontuais, como, por exemplo, os relacionados às ditaduras do Cone Sul, como as já referidas experiências terríveis envolvendo as táticas do butim de guerra, conforme observado na análise de *A turma da rua Quinze*. No livro de Silvia Cintra, quem desaparece é a levantadora titular do Baleia Azul.

Reca se torna desaparecida logo após o time ganhar a primeira partida do campeonato e suas amigas, com mais dois rapazes peruanos, se envolvem em situações perigosas, a fim de descobrir o que aconteceu com a levantadora. Ao final, Reca é encontrada amordaçada e amarrada a uma cadeira, em um quarto de hotel. Logo em seguida é revelado que o sequestro foi articulado por um dos dirigentes do campeonato, o inescrupuloso Lope y Vega. Vale ressaltar não serem gratuitas as referências justapostas entre a violência sofrida por Reca e o sucedido ao príncipe Atahualpa, no passado recuado da história do Peru, este sequestrado e depois assassinado sob as ordens de Francisco Pizarro.¹⁹ A versão desse episódio histórico, tal como contada por Atahualpa, um dos personagens pertencentes ao presente da narrativa e um dos jovens que fará a busca de Reca, mescla-se a uma posição crítica contra o imperialismo (e autoritarismo) do colonizador.

Nesse sentido, se faz necessária especial atenção ao acolhimento do termo “colonizador” nesse texto. Coloniza quem impõe sua vontade, subordinando um indivíduo ou um grupo. A primeira consequência da ação colonizadora é a negação seguida ou compartilhada pela expropriação do outro, ou seja, colonizar, mais do que submissão, implica rapinagem. É exatamente o que faz Pizarro, representando

¹⁸ Destaco *Meninos sem pátria*, de Luiz Puntel; *Rota do perigo*, de Marcos Rey; *Doze horas de terror*, *Um inimigo em cada esquina*, de Raul Drewnick; *A grande fuga*, de Sylvio Pereira; *O fabricante de terremotos*, de Wilson Rocha.

¹⁹ Atahualpa é assassinado, após ser emboscado e aprisionado por Pizarro no contexto de uma complexa crise sucessória do Império Inca e da invasão imperialista promovida pela Espanha.

o conquistador espanhol, na versão apresentada pela narrativa de Silvia Cintra Franco: além de invadir e apropriar-se dos territórios indígenas, saqueando tudo o que encontra pela frente, ainda sequestra o príncipe inca e o mata, mesmo após ter acordado em negociação que o libertaria em troca de muito ouro.

A rapinagem é imposta como roubo dos bens materiais e imateriais pertencentes ao outro, não apenas para enriquecimento do expropriador, mas, sobretudo, para frustrar a coragem do adversário e potencializar suas forças em várias frentes até desmontar completamente as estratégias de luta do outro, ao ponto da cisão cultural. Nesse sentido, o sequestro do príncipe Atahualpa apresenta dupla conotação: o roubo dos bens materiais (territórios e ouro) e o roubo da identidade, representada pelo príncipe, pois sem ele o Império Inca não é nada. Essa última conjuntura encontra paralelo na situação enfrentada pelas jovens no presente, pois, da mesma forma que sem Atahualpa sucumbe o Império Inca, também o time Baleia Azul é abalado com a ausência de Reca, sua eficiente e principal levantadora. Nesse sentido, como sabemos no decorrer das ações que a motivação do sequestro é fragilizar o time brasileiro, o que sucede a Reca pode ser compreendido como a forma em miniatura da representação dos modos de ser e de agir daqueles que detém algum tipo de poder autoritário e expropriador.

Essas associações são fundamentais para a compreensão que as jovens enfrentam envolvendo a alteridade. De fato, a alteridade se apresenta a elas no encontro com uma cultura marcada pelo colorido das formas e pela diversidade étnica, apropriada pela narrativa por meio do deslocamento e também pela sedução amorosa que as meninas experimentam no flerte juvenil com os jovens nativos. Mas o encontro com o outro também se manifesta na atitude violenta e autoritária implicada no sequestro de Reca.

* * *

Como visto, a presença do jogo representado pelo futebol e pelo voleibol firma, respectivamente, nas duas narrativas uma associação significativa entre as ideias de time e colaboração. Esse aspecto parece ser de antemão também uma marca da temporalidade, pois é contemporânea da assunção dessas categorias enquanto

saberes em campos correlatos: de acordo com Gisela Reis Biancalana, fundamentada em Schneider, “a ideia de colaboração surge na década de 70 do Século XX”²⁰ e representou especialmente para o campo da educação uma tentativa de resposta aos paradigmas autoritários atuantes nesse período e, no mesmo contexto histórico, se faz presente a ideia “de time de trabalho que coopera no pensar, planejar, decidir e agir no ambiente educacional”.²¹ Portanto, a ideia de jogo – e, da mesma forma, a de time – concorre aqui como “elemento estruturante”, tal como elaborado por Elcio Cornelsen, ao pensar essas mesmas categorias no âmbito da literatura e do cinema. Como ponto de partida, penso que sendo elementos estruturantes essas categorias potencializam outras, igualmente importantes no interior do tempo em que esse material literário emerge, enquanto objeto de cultura.

Nesse sentido, a presença ao mesmo tempo agônica e fantasmática da desapareição, sistematicamente carregada dos rastros históricos, permite uma aproximação com a ideia de resistência, nos termos de uma (re)leitura da noção de “time”, para além daquilo que nos oferece a forma dicionarizada: “equipe de atletas que compõe um grupo esportivo; o clube do qual pertencem esses atletas” e por extensão “Grupo de indivíduos que se juntam para desenvolver uma mesma atividade”.²² Nesse percurso a noção de “time” é ampliada pelo texto literário, possibilitando outras dicções. Em “A potência da comunidade luminosa em *O apocalipse dos trabalhadores*, de Valter Hugo Mãe”, ensaio de autoria de Annie Tarsis Morais Figueiredo, encontro o conceito de “comunidade luminosa”, com o qual é possível estabelecer interlocuções na análise dos dois livros objetos de estudo.

Baseada em uma releitura da tríade formada por Deleuze, Didi-Huberman e Agamben, Figueiredo parte, primeiramente, da ideia de comunidade, constituída por membros que representam pontos luminosos – ora “esboços de resistência”,²³ ora “vontade de resistência”²⁴ – para chegar ao que seria a comunidade luminosa, formada por “desejos e os afetos que não cessam” e “que fabricam outros

²⁰ BIANCALANA. Trabalhos conjuntos e processos colaborativos, p. 815.

²¹ BIANCALANA. Trabalhos conjuntos e processos colaborativos, p. 815.

²² Conf. <https://www.dicio.com.br/time/>

²³ FIGUEIREDO. A potência da comunidade luminosa em *O apocalipse dos trabalhadores*, de Valter Hugo Mãe, p. 6.

²⁴ FIGUEIREDO. A potência da comunidade luminosa [...], p. 7.

encontros, movimentos e arranjos”,²⁵ que podem frutificar, na medida em que do “individual para o coletivo, um ponto político brota dentro desses encontros”²⁶ enquanto “estratégia senciante de sobrevivência que leva ao agir, lançando pequenos lampejos biopotentes frente ao biopoder e seus diversificados modos de repressão”.²⁷

Uma nota importante nessa categorização reside em pensar o lugar desses pontos luminosos no interior da biopolítica e, especialmente, nos contextos colonizatórios de qualquer tipo ou modo:

No entanto, aqui, ser vaga-lume e ter em vista uma comunidade luminosa não quer dizer que estes são seres *outsiders* e iluminados, no sentido banalizado e romântico-humanista, respectivamente. Pois, sabemos que não há o de fora do capital, e para não recair na condenação da cultura massiva, busco outro ponto de vista, o da biopolítica em oposição ao biopoder e todas as forças que fabricam sentimentos escravos e rotinas aprisionadas.²⁸

Em *A turma da Rua Quinze* é preciso reunir coragem, companheirismo e cumplicidade de grupo para entrar na casa misteriosa sob o risco de ser descoberto e apanhado, bem como vencer os bandidos e os policiais corruptos. Da mesma forma, é também a coragem e o princípio da cooperação e solidariedade entre os membros do time o que mobiliza as garotas na procura por Reça – nesse processo, o “time” é menos importante do que as relações entre seus membros. No final de *A turma da Rua Quinze* os garotos são salvos e resgatados e, mais adiante, descobrem que Marcão não desapareceu por ter sido sequestrado, mas por vontade própria, numa espécie de rito de passagem para a vida adulta que envolvia uma experiência amorosa. A experiência amorosa também se encontra presente no fechamento da narrativa de Silvia Cintra Franco, estendendo a ideia de afeto para outras searas a conhecer.

Desse modo, a comunidade luminosa se faz presente nas duas narrativas. Ela está sobreposta à dimensão do time, na força que corresponde a vontade desbravadora de saber a origem da violência, que leva um membro do grupo a ser

²⁵ FIGUEIREDO. A potência da comunidade luminosa [...], p. 9.

²⁶ FIGUEIREDO. A potência da comunidade luminosa [...], p. 10.

²⁷ FIGUEIREDO. A potência da comunidade luminosa [...], p. 11.

²⁸ FIGUEIREDO. A potência da comunidade luminosa [...], p. 11.

o destino da ação destrutiva de outrem. É preciso, assim, descerrar os passos desse adversário oculto e malicioso. É preciso recuperar o membro aparentemente perdido, estender-lhe a mão – ainda que isso custe uma boa dose de coragem – e, desse modo, garantir a unidade do time. Nesses termos, a comunidade, representada pelo time, se faz luminosa porque é constituída com “linhas de ligação” baseadas em afeto e compromisso.²⁹ Em todo caso, cabe ressaltar a “vontade de resistência” no gesto dos personagens, surgida na recusa ao gesto colonizador implicado na ação violadora.

Para concluir, destaco ainda um aspecto fundamental, presente no desenvolvimento das ações narradas: a rotina ou ações do jogo se tornam comprimidas em ambas as narrativas literárias, na medida em que a necessidade de entender o que sucedeu ao membro desaparecido e, conseqüentemente, a urgência em resgatá-lo, impele o time a ceder espaço à comunidade luminosa.

Nesse processo, ao acompanhar a proposta de Figueiredo, nesta análise ganha igual relevo a dicção com o pensamento de Agamben: “o que vem” é tudo aquilo que “não cessa de chegar nunca, este é o jogo de resistência entre o indivíduo e coletivo instalado no devir, não há também solidificações e fechamentos nessa comunidade”.³⁰ Os garotos da turma da Rua Quinze desafiam a polícia e seus policiais corruptos para encontrarem Marcão, irmão de Serginho. As garotas do time Baleia Azul agem para além da polícia em busca de Reça. Desse modo, “o que vem” pode ser igualmente a força mais próxima que, mediante o perigo, sendo comum e em comunicação, portanto, capaz de empatia e de associação, comunga das necessidades em grupo, fortalecendo-o e potencializando-o ao nível da resistência.

²⁹ FIGUEIREDO. A potência da comunidade luminosa [...], p. 7.

³⁰ FIGUEIREDO. A potência da comunidade luminosa [...], p. 15.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Marçal. **A turma da Rua Quinze**. 5ª edição. São Paulo, Ática, 1995 (Coleção Vaga-Lume).

BIANCALANA, Gisela Reis. Trabalhos conjuntos e processos colaborativos. **Anais do IX Congresso da ABRACE** – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – Poéticas e estéticas descoloniais: Artes Cênicas em campos expandidos, Uberlândia, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2FDi6Az>. Acesso em: 06 jun. 2017

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Imagem e memória em torno de futebol e política no cinema. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro, VIERA, Elisa Amorim, SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Imagem e memória**. Belo Horizonte: Rona Editora; FALE/UFMG, 2012, p. 429-442.

FIGUEIREDO, Annie Tarsis Morais. A potência da comunidade luminosa em *O apocalipse dos trabalhadores*, de Valter Hugo Mãe. **Sociopoética**, v. 1, n. 17, jun.-dez. 2016.

FRANCO, Silvia Cintra. **Aventura no Império do Sol**. São Paulo: Ática, 1989 (Coleção Vaga-Lume).

MENDES, Fábio Marques. Os processos identitários no Brasil a partir da subversão do gênero policial: uma análise literária e sociológica do romance “Cabeça a prêmio” de Marçal Aquino. **Anais do I Seminário Internacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais**. UNESP, Marília, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2I842Vk>. Acesso em: 06 jun. 2017.

PADRÓS, Enrique Serra. A guerra contra as crianças: práticas de sequestro, desaparecimento e apropriação de identidade no século XX – “Butim De Guerra” no Cone Sul da Segurança Nacional. In: **Anais do XI Encontro Estadual de História**, Universidade Federal do Rio Grande, 2012, p. 815-826.

SILVA, Ana Carolina Martins da. A violência no âmbito da Série Vaga-Lume. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (org.). **Da violência ao conto de fadas**. Passo Fundo: EDIUPUF, 1999.

TAL, Tzvi. Alegorias de memoria y olvido em películas de iniciación: *Machuca* e *A turma da Rua Quinze*. **Aisthesis**, 2005, n. 38, p. 134-149. Disponível em: <https://bit.ly/2Kv17Ec>. Acesso em: 06 jun. 2017.

* * *

Recebido para publicação em: 15 dez. 2017.
Aprovado em: 22 jan. 2018.